

ENSINO DE LITERATURA: UMA PROPOSTA POR UNIDADE TEMÁTICA

**Maria José Ferreiro Strogenski
Susane Soares¹**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: O Ensino de literatura vem enfrentando diversas mudanças ao longo do tempo. No entanto, as mudanças ocorridas não têm demonstrado a eficiência almejada. Este trabalho pretende apresentar uma proposta de ensino de literatura, baseado nas ideias de Cereja, que defende o ensino da literatura através de temas pré-estabelecidos. Além deste autor, foram utilizados ainda os critérios fornecidos pelo Guia Nacional do Livro Didático e as Diretrizes de Ensino de Português do Estado do Paraná. O tema escolhido para a exposição do ponto de vista defendido foi o Índio.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Índio. Livro Didático. Unidades Temáticas.

Abstract: Teaching literature has faced many changes over time. However, the changes have not shown the desired efficiency. This paper aims to propose a teaching of literature, based on the ideas of Cereja, who advocates the teaching of literature subjects through pre-established. In addition to this author were also used the criteria provided by the National Textbook Guide and the Guidelines for the Teaching of Portuguese in the state of Parana. The theme chosen for display point of view held was the Indian.

Keywords: Teaching Literature. Indians. Teaching Book. Thematic Units.

1. Graduandas do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Curitiba. Este estudo é resultado de um seminário apresentado na disciplina de Prática de Língua Portuguesa I, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Alice Atsuko Matsuda, do 6º período do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Curitiba, 2º semestre/2011.

Introdução

Muito se discute a respeito do ensino de língua e literatura no Brasil e muitas são as ideias para se conseguir um resultado mais efetivo no que se refere à sua qualidade. Ainda que linguistas e professores de literatura mantenham-se separados em termos de pesquisa, quando se trata de sala de aula no ensino fundamental e médio, é um mesmo professor que trabalhará com as duas disciplinas, e tudo com o nome de Língua Portuguesa. Essa junção de conteúdos não acontece por acaso. De fato, Língua Portuguesa e Literatura deveriam estar sendo ensinadas juntas. Não juntas nos moldes como vêm acontecendo, mas juntas no sentido de se ensinar o aluno a ler e a trabalhar língua a partir dos textos lidos. No entanto, quando se fala de ensinar a ler, volta-se a um mesmo problema: o conceito ou ideia do que entendemos por ensinar a ler e que relação tem isso com literatura. Atualmente o ensino de literatura vem sendo feito desarticulado da leitura em si. Temos um ensino que antes de tudo conta a história da literatura e das mudanças sociais no Brasil, mas que não é, necessariamente, literatura.

Tendo realizado uma análise de livros didáticos na disciplina de Prática de Ensino de Língua Portuguesa I, do Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, descobriu-se que, apesar do que diz o Guia Nacional dos Livros Didáticos, os PCNS e Diretrizes Curriculares do Paraná, os livros continuam apresentando o ensino de língua e literatura da mesma maneira. Especificamente no caso da literatura, o que se apresentam são recortes de textos literários com o único objetivo de se ensinar características de escolas literárias.

Um dos livros analisados, por exemplo, foi o da coleção Língua Portuguesa, Projeto Eco da Editora Positivo. Tal análise trouxe resultados que merecem discussão e sugestão de soluções e levaram a uma pesquisa sobre formas de se ensinar literatura e leitura. Em seguida, passaremos a discorrer sobre como ensinar literatura na escola.

O Ensinar a Ler

Atualmente, o processo de alfabetização vem sendo chamado de letramento, conceitos, aliás, diferentes. Há uma grande distinção entre aprender a ler, como forma de alfabetizar, e aprender a ler, como forma de levar o aluno a ler efetivamente todo e qualquer tipo de texto ou gênero textual, enfim, ser letrado.

A professora Marta Moraes, em seu livro *Sempre Viva a Leitura* (2009) e em suas palestras, sempre defendeu que o processo de leitura é algo que se deveria começar em sala de aula, pois precisamos “ensinar nossos alunos a ler”. Ela explica que ensinar a ler consiste em o professor separar aulas semanais para fazer leitura de livros em sala de aula, isto é, o professor lê para os alunos e eles vão acompanhando. Isso porque o ensinar a ler implica em se criar o gosto pela leitura, o que, como estamos cansados de constatar, não acontece só com o professor mandando o aluno ler em casa, pois é preciso que se entenda que a leitura não é um processo natural, no sentido de um indivíduo pegar um livro, começar a lê-lo e, instantaneamente, gostar de ler.

Gostar de ler, normalmente, era um processo que se iniciava em casa, para aqueles que tinham como exemplo os pais. Ou para muitos que, não tendo outras opções, encontravam na leitura uma forma de passar o tempo ou encontrar uma realidade diferente da que tinham.

Dizia-se que o brasileiro não gostava de ler. Pesquisas vêm demonstrando que, nos últimos anos, o brasileiro vem adquirindo, a passos muito lentos, este gosto. A grande questão é que nos últimos anos aconteceram lançamentos de obras mais diversificadas e mais condizentes com o interesse de crianças e adolescentes. Claro que sempre houve bons livros para as diferentes faixas etárias. Contudo, as obras mais modernas vêm tratando de temas que, com a ajuda da mídia e dos filmes, passaram a ser de grande interesse para as crianças. Prova disso foi *Harry Potter*. Magia

é uma temática que sempre instigou a curiosidade de adultos e crianças. Os livros do *Harry Potter*, porém, dirigiram-se especialmente às crianças, em um contexto atual e moderno. As professoras não precisaram insistir, nem obrigar os alunos a lê-los. Existem, ainda, outros exemplos de livros que caíram no agrado de jovens, crianças e adolescentes, atualmente, e que vem mostrando que os brasileiros gostam de ler sim.

Tornar-se um leitor, portanto, é um processo que se inicia normalmente, com os mais variados tipos de literatura. Aos poucos, o leitor vai se aperfeiçoando, evoluindo, ficando com um gosto mais elaborado. Para se chegar a isso, é preciso de tempo, muitas vezes, de anos. Sabemos disso. Então, por que insistimos em apressar o processo? A escola poderia facilitar este processo e ajudar, conversando sobre os livros lidos, debatendo, auxiliando na “interpretação dos textos”. Gostar de ler significa, antes de tudo, entender o que se lê.

Talvez o ideal fosse que, nas séries iniciais, os alunos fossem alfabetizados, já com o auxílio de livros. É preciso se iniciar o mais cedo possível a leitura em sala de aula. O ensino da língua, ou sobre a gramática da língua, é algo que deveria ser protelado. Aqueles que são leitores vorazes sabem que um leitor tem e sempre terá uma grande facilidade em aprender ou discutir a língua. Isso porque, para aqueles que estão habituados a ler, a norma padrão torna-se familiar e, no momento em que se discutem questões da gramática da língua, esse leitor costuma experimentar certa facilidade em assimilar os conteúdos, porque os reconhece. O velho exemplo disso são as questões de ortografia. Quantas pessoas precisam ver a palavra escrita para lembrar a ortografia correta. Isso acontece porque estão acostumadas a vê-las escritas (não se sabe ortografia oralmente). Se fôssemos habituados a ler na escola, a ponto de conseguirmos ler, numa expectativa muito limitada, 10 livros por ano, por exemplo, o ato de ensinar língua portuguesa seria muito mais simples e bem mais eficiente. O mesmo aconteceria com literatura.

Uma vez habituados a ler, falar sobre literatura seria uma questão muito diferente. Como no ensino da língua, o aprender literatura não consiste em saber datas, movimentos literários, escolas literárias. Trata-se de conhecer uma sociedade através dos olhos de um autor e ser co-autor dessa narrativa, compactuando ou não, acrescentado, modificando, enfim, vivenciando-a.

Resta então a questão: como ensinar literatura?

O Dialogismo como Procedimento no Ensino de Literatura

Antes de se iniciar um estudo de proposta de ensino de literatura, é preciso que se entendam os currículos dos cursos de letras e de Ensino Médio no Brasil.

Para os PCNs, o ensino de literatura deve estar atrelado ao ensino de Língua. Tal ensino deve sempre buscar a competência do aluno para que ele se torne um bom cidadão, capaz de modificar sua realidade e dar contribuições positivas ao mundo. Para isso é preciso que ele aprenda a ler e entender um texto, de maneira a tirar suas próprias conclusões, através do pensamento crítico. Ora, para isso é preciso ler. Não há nos PCNS uma preocupação com o ensino de movimentos literários, propriamente ditos, mas com o resultado conseguido por meio da leitura.

No entanto, segundo o professor Franchette (2011), não é o que ocorre nos cursos de Letras nem no Ensino Médio:

Uma rápida visita aos programas de cursos universitários das mais prestigiosas universidades do país, complementada pelo exame dos livros didáticos de maior sucesso no mercado permite constatar que ensinar literatura significa usualmente ensinar 'história literária'. E a história literária, tal como tem sido ensinada nas escolas, raramente gera outra coisa além de habilidade classificatória.

O autor expressa muito bem a problemática do ensino da literatura e também propõe, em seu artigo *O Cânone em Língua Portuguesa*, que ensinar literatura implica em, antes de tudo, ensinar a ler. Isto é, fazer o aluno criar o gosto pela leitura, seja pelo método que for.

Tanto os PCNs quanto as Diretrizes Curriculares Nacionais não pregam um ensino metodológico de língua. As Diretrizes Curriculares Nacionais também não fazem uma divisão entre o ensino de língua e literatura. Pelo contrário, nas Diretrizes há a preocupação, assim como nos PCNs com a qualidade da escrita e da leitura, realizada pelo aluno.

Observa-se que nos objetivos das Diretrizes Curriculares Nacionais há a preocupação com o ensino de língua e com a compreensão das diferentes linguagens. Só com base no que diz a legislação já se percebe que o ensino da literatura tem sido equivocado.

Porém, como mudar isso? Uma boa ideia pode ser o ensino de literatura, no ensino Médio, através de Unidades Temáticas, conforme sugestão desenvolvida por Cereja.

Segundo este autor, o ensino em geral exige a escolha de uma posição de ensino de acordo com um modelo a ser adotado: transmissivo, construtivista ou sociointeracionista. Porém no ensino de literatura é preciso escolher também os autores que serão trabalhados e como será feita a abordagem: se por autores ou estilos de época. Desta maneira, Cereja (2005:162) inicia seu texto *O Dialogismo como Procedimento no Ensino de Literatura*, argumentando que quase todas as opções metodológicas de ensino de Literatura têm suas vantagens e desvantagens e que cabe ao professor avaliar a melhor proposta metodológica.

Uma hipótese de trabalho no ensino de literatura, já apresentada por outros autores, seria a de organizar o estudo em Unidades Temáticas e, a partir delas, selecionar vários textos que confrontem autores e gêneros, contribuindo para endossar a importância do tema em pauta (CEREJA, 2005:162). Entretanto, a falta de domínio e conhecimento mais profundo

dos autores, do movimento literário e da época de produção dos textos por parte dos alunos pode comprometer esta proposta, tornando-a muito superficial, pois se limitaria a uma mera constatação de fatos na literatura.

Fazer como referência a diacronia, desde que não se transforme num fim em si, é uma proposta válida. A sequência histórica, segundo o autor, é uma maneira de estabelecer relações e cruzamentos com outros períodos da literatura e cultura que podem ser feitos do passado ao mais atual e vice-versa. Desta forma, Cereja (2005, p.163) apresenta duas propostas de trabalho.

A primeira é correspondente à forma convencional do estudo da literatura, partindo das origens até a contemporaneidade. Porém, como já dito anteriormente, todo ensino tem as suas vantagens e desvantagens, e neste caso seria a dificuldade que os alunos teriam na compreensão dos textos mais antigos devido à linguagem arcaica e o distanciamento da realidade. Por outro lado, existe a vantagem do aluno poder acompanhar os movimentos de ruptura e retomada que acontecem durante a tradição literária.

A segunda proposta sugere partir da contemporaneidade até as origens. Essa sugestão tem a vantagem dos textos iniciais terem a linguagem familiar aos alunos. Inicia-se por autores contemporâneos e, apenas no 3º ano do ensino médio, eles teriam contato com o Trovadorismo ou Camões, quando eles já estariam mais preparados para compreendê-los. Entretanto, mesmo que a linguagem dos textos contemporâneos seja acessível, o aluno do 1º ano sentirá dificuldades, devido ao tema, ideologias e técnicas narrativas que geram estranhamento a ele.

Desta maneira, Cereja apresenta uma proposta de ensino da literatura que ele julga como a mais possível, levando em conta os problemas de historiografia acadêmica e escolar, buscando conciliar os impasses entre a sincronia e a diacronia.

Uma Visão da Obra Analisada

Segundo o Guia Nacional do Livro Didático, a obra foi predominantemente organizada como manual. A coleção proporciona ao aluno um amplo contato com a literatura dos países de Língua Portuguesa, com ênfase na literatura brasileira. Alguns aspectos da língua e da literatura são explorados de modo articulado, a partir de uma coletânea de textos diversificados. O volume I trabalha bastante com literatura e os conhecimentos sobre a gramática da língua são enfocados de forma breve. Em termos de literatura, há um conceito dos diferentes tipos de arte, o conceito do que seria literatura; literatura e engajamento; o gênero poesia e o texto ficcional e explicações sobre os movimentos literários – Humanismo, Renascimento, Quinhentismo, etc. A forma como estes movimentos são tratados é a tradicional: explicação das formas, gêneros, datas, principais autores, etc.

O Guia Nacional expõe como pontos fortes da obra a ênfase do ensino da literatura e na leitura do texto literário realizando a articulação entre os eixos de ensino.

São vistos como pontos fracos a ausência de trabalho sistemático com a produção de textos orais e é dado destaque ao fato de haver diversidade de textos ligados à literatura e à cultura dos países de Língua Portuguesa.

Quanto à coleção, ela apresenta 3 volumes, estruturados em unidades (entre 5 e 6) que se organizam em 3 capítulos principais, assim denominados: “Literatura”, “A Língua em uso” e “Produção de texto”. A ênfase é dada à literatura, já que a esse campo do saber são dedicados sempre dois capítulos de cada unidade. Ao final de cada volume, há uma proposta de projeto: “Painel sobre a formação do Brasil”, no volume 1; “Jornal-mural sobre o século XIX”, no volume 2; “Sarau literário”, no volume 3. Os capítulos organizam-se nas seguintes seções:

“Leitura”, “Conhecimento em foco”, “Atividades”, “Ampliação”. Essas seções são recorrentes nas três partes de cada volume e se concentram na ampliação e exploração de elementos teóricos e de construção dos gêneros a serem postos em estudo. Aparece, ainda, uma seção intitulada “Para refletir”, na qual são apresentados problemas contemporâneos, questões linguísticas e culturais que instigam a reflexão em grupo. A essa seção, em geral, se segue a proposta de uma pesquisa. O Manual do Professor tece considerações em torno dos tópicos: “Rumos do Ensino Médio” (Parte 1), “Língua Portuguesa” (Parte 2) e “Orientações, sugestões didáticas e atividades complementares” (Parte 3). Nesta última parte, podem ser vistas orientações específicas para as unidades, os capítulos e seções. O Manual traz ainda muitas indicações de bibliografia, conforme as especificações da questão em foco.

Para este trabalho fez-se uma análise somente do volume I.

Análise do Ensino da Literatura na Obra

A proposta teórica da obra, em relação à língua portuguesa, está baseada em uma perspectiva interacionista e discursiva de trabalho com a linguagem. Essa abordagem prevê que a construção do conhecimento se dá por trocas subjetivas entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Em relação à literatura, a obra destina-se a criar um chamado “leitor literário”, isto é, ela pretende, efetivamente, contribuir para a ampliação da autonomia intelectual e da perspectiva crítica dos alunos. Para isso, assume uma atitude interativa e questionadora diante do texto literário. A proposta da obra apoia-se em dois pressupostos: a comparação e a prospecção.

No volume I são trabalhados os movimentos literários, Portugal e o projeto colonial e o Arcadismo. Para isso, foi feita uma introdução sobre o que é literatura e as diferentes formas de expressão artística. Uma

grande qualidade da obra está no fato de trabalhar com a arte e literatura de outros países de língua portuguesa.

No entanto, a obra apresenta uma série de diferentes textos literários que servem para exemplificar cada período literário. Ainda que se apresentem textos diferentes e interessantes, que se instigue o pensamento crítico, a obra ainda trabalha literatura de uma forma bastante conservadora.

São apresentadas obras da pintura, poemas, trechos literários. Porém, o resultado final continua sendo o mesmo, isto é, a literatura é trabalhada através de momentos históricos, conceitos (o que são epopeias, por exemplo), os cantos de Camões etc. O livro se posiciona contra o conhecimento enciclopédico em sua proposta, porém, no decorrer da obra ele se mostra a favor deste conhecimento. Este trabalho vai de encontro justamente com a proposta da obra, que é o de ir contra o conhecimento enciclopédico.

As discussões dos textos apresentados são pertinentes e levam à criação de um pensamento crítico, de certa forma. Todavia, o incentivo à leitura acontece da mesma maneira de sempre: os alunos são instruídos a ler, porque isso os ajudará no futuro, mas não há um projeto que leve a leitura em sala de aula, de obras completas. Esse seria, talvez, o ponto mais fraco da obra: uma falta de proposta que incentive a leitura, efetivamente, e não ao conhecimento de teoria literária.

A Literatura em Sala de Aula

Foi dito que o ensino de língua deveria ser uma consequência, que viria após o se ensinar a ler, na escola. Ler aqui, mais uma vez, consistiria em se criar o gosto pela leitura em sala de aula, como um processo a ser adquirido. O ler deveria implicar em se realizar a decodificação das letras, passando-se à interpretação do que está sendo dito, ou compreensão, até

a capacidade de se entender e de se criar relações com outros aspectos da vida ou de outras leituras. O processo de leitura deveria capacitar o aluno a desenvolver suas próprias ideias e opiniões, a ponto de se chegar ao ensino médio com competência para discutir e argumentar com propriedade, dentro dos padrões da norma culta. Enfatizou-se que isso levaria à compreensão da língua oportunizando discussões de alto nível, a respeito dela. Nesse sentido, entende-se que o leitor, propriamente dito, é aquele que lê muito, e que por isso não precisaria de tanto tempo para compreender as regras de gramática. Isso porque a própria leitura o prepararia para a compreensão da língua e o capacitaria para a metalinguagem.

Faz-se importante, neste ponto, entender que a leitura familiariza o leitor com a língua, no entanto, não o ensina a dominar a escrita, por exemplo. A leitura capacita o aluno a criar argumentos ou o instrumentaliza para a produção escrita, mas não o ensina a escrever. Esse é um outro processo, que não será discutido aqui, porque ampara-se em teorias cognitivas e linguísticas e este não é o foco deste trabalho.

Com a justificativa de que precisamos criar métodos mais didáticos e rápidos para que o indivíduo entenda a literatura, os livros didáticos passaram a dar características de escolas literárias, informações sobre a opinião de alguns estudiosos para, a partir daí, indicar a leitura ao aluno com o intuito de que ele perceba nas obras, o que viu em sala, isto é, realizamos o processo às avessas.

A teoria literária foi construída pelos grandes leitores que se tornaram críticos literários e conhecedores dos diferentes estilos ou “escolas literárias”. Não foram aqueles que, na escola, aprenderam uma porção de regras ou condições que caracterizaram as diferentes épocas da literatura. Então, por que esperamos que nossos alunos façam isso?

Não se faz tão importante que um aluno saiba os períodos ou características das diferentes escolas literárias. Faz-se importante que

ele as compreenda. Parte desse processo já vem sendo feito, a partir do momento em que os professores de literatura entenderam ser importante contextualizar os momentos literários como parte de processos sociais e históricos. Todavia, passou-se então a tratar os movimentos literários como aulas de História. Não se chegou ainda, salvo algumas exceções, ao ponto de se trabalhar com a ideia de que a História relata os fatos e que através da leitura podemos entendê-los, pois muitas obras literárias são verdadeiros relatos vivos dos pensamentos, das dúvidas, dos questionamentos de uma época. Percebe-se que por meio da literatura conseguimos entender as crenças e a forma como uma sociedade se sentia em determinado período.

Sendo assim, a compreensão da literatura não deveria consistir em se conhecer datas. Quando se fala de data aqui, faz-se referência à relação que se faz com a História e os séculos: o Romantismo é resultado de um momento político do século XIX, no Brasil, por exemplo. É preciso que o aluno compreenda como se sentiam as pessoas naquela época, como elas viam a vida, a sociedade, os costumes. Depois de visto isto é que se pode falar da sociedade em si, mas isso deveria ser um processo que o aluno deveria ser capaz de compreender sozinho, por meio das obras.

Uma maneira de se ensinar literatura, dessa forma, seria através de temas, sugestão feita por Cereja, por exemplo. Ao se dar um tema para discussão em sala de aula, deveríamos procurar textos que tratassem do tema proposto. Isso, porém, depois de perceber como o aluno se sente em relação a tal tema. Por exemplo: se fôssemos discutir a questão indígena no Brasil, hoje, de que maneira isso poderia ser feito. Em primeiro lugar, deveríamos saber o que os alunos sabem sobre os índios e como se sentem sobre a cultura indígena: ela deve ser mantida, separada da sociedade em geral? Os índios devem permanecer em locais separados, agregados sob o pretexto de que sua cultura não se perca? Como podemos

preservar a cultura indígena? O que podemos aprender com eles e por que isso seria importante? A partir desses questionamentos, levaríamos o aluno à pesquisa.

Tal pesquisa iniciar-se-ia através de uma seleção de textos jornalísticos atuais e que tratassem da questão indígena. No livro didático, volume I, nas páginas 218 a 220, há duas reportagens atuais e interessantes que tratam do tema. Essas reportagens podem ser aproveitadas para iniciar as discussões que podem continuar sendo aprofundadas com a obra *Quarup* (1967), de Antônio Callado (1917-1997), a qual retrata o índio de forma contemporânea. Depois, poderia ser solicitado aos alunos que pesquisassem textos de obras literárias, também atuais, sobre o mesmo tema. Então, poderia ser feita uma comparação entre os dois gêneros e iniciar-se uma discussão sobre como o índio é visto e tratado atualmente.

Feita uma pesquisa em diferentes níveis (social, cultural, político), poderíamos levar o aluno a procurar saber como a literatura atual está tratando ou se referindo ao índio: Há livros nos quais os índios são personagens? Como eles são retratados? São os livros de história ou sociologia os que tratam da temática, ou a literatura vem dispensando algum espaço à temática indígena? Somente essa discussão já levaria o aluno a compreender como um grupo social é visto dentro da sociedade em geral. Fazê-lo perceber isso: que encontrar livros nos quais o índio é representado como um dos personagens, já é um processo importante para se entender as escolas literárias.

Depois disso é que se começaria um processo de volta ao passado para se saber, ao longo da história, como o índio apareceu e como foi tratado pela literatura. Em seguida, faria uma comparação sobre a visão que temos do índio hoje com os textos atuais, e de como é o índio de fato para, a partir disso, se iniciar as aulas sobre períodos literários com as obras e sua relação com a sociedade. A obra *Quarup*, de Antônio Callado, por abordar o índio de maneira contemporânea, facilitando a compreensão

e familiaridade com o texto tanto na leitura quanto na reflexão sobre o tema, seria eleita a primeira a ser trabalhada. Uma continuidade seria dada a partir das obras: *Macunáima*, de Mário de Andrade, *Iracema*, de José de Alencar e *Cartas*, de Caminha. Formaria, assim, uma viagem ao passado do índio na literatura, na qual o aluno seria capaz de refletir e compreender o papel do índio na história.

○ mais interessante é que esse tipo de processo do ensino de literatura teria uma relação estreita com a forma de se trabalhar a interdisciplinaridade.

Considerações Finais

Ao ler os PCNs e as Diretrizes Curriculares Nacionais, percebe-se que o objetivo do ensino de língua inclui o ensino literatura como ferramenta para que um concretize o outro. Porém, o mais importante é perceber a distância que há entre o que dizem os documentos nacionais e o livro didático que prevê um ensino que está longe da possibilidade de aprendizado do aluno e de desenvolver o gosto pela leitura de obras literárias. Conforme dito, foi feita uma análise de livros didáticos, de acordo com os critérios estabelecidos pelo Guia Nacional do Livro Didático. Esta análise revelou que os livros didáticos ainda compartimentalizam em blocos separados as questões relativas à língua, à literatura e, mais grave, à gramática. Como se esses elementos não fizessem parte de uma coisa só: seja o texto oral ou escrito.

Ensinar Literatura hoje é um desafio ainda maior, frente às tecnologias e mídias às quais têm acesso as crianças e os jovens. Vivemos em um mundo no qual se fala em conexão com os diferentes meios de informação. Então, por que a escola permanece fora deste circuito? O ensinar a ler torna-se premente, pois a incapacidade de interpretar, de avaliar, de criticar os textos **tem sido e tornar-se-á** um obstáculo ainda maior, que impedirá o

indivíduo de assumir seu lugar social. As propostas de ensino de literatura vêm demonstrando essa necessidade, desde os temas, até a forma como o ensino de literatura vem sendo visto. Este trabalho compilou ideias e análises, na tentativa de se engrossarem as fileiras daqueles que veem no ensino da literatura uma ferramenta de libertação e sucesso da educação.

Referências Bibliográficas

ALVES, Roberta Hernandez; MARTIN, Vima Lia (2010). *Língua Portuguesa I*. Ilustrações André Figueiredo et. ali. Curitiba: Positivo. Projeto Eco Língua Portuguesa, Livro do Professor.

CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fonteira, 2011.

CEREJA, William Roberto (2005). O dialogismo como procedimento no ensino de Literatura. In: _____. *Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, p. 162 – 195

COSTA, Marta Moraes da (2009). *Sempre viva, a leitura*. Curitiba: Aymarã.

FRANCHETTI, Paulo. O Cânone em Língua Portuguesa. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/enc1_pfranchetti_ago06.htm Acessado em 27 nov. 2011.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais. Disponível em <http://www.zinder.com.br/legislacao/dcn.htm#ceb398> Acessado em 28 nov. 2011.

BRASIL. Guia Nacional do Livro Didático. Educação. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=859&catid=195%3Ase-educacao-basica&id=12637%3Aguias-do-programa-nacional-do-livrodidatico&option=com_content&view=article Acessado em 24 nov. 2011.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares do Paraná. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados